

E agora como é que vai ser? Como é que os portugueses vão fazer para sobreviverem aos tempos muito difíceis que têm pela frente? Acabaram-se as ilusões, e de tanto repetidas, os ilusionistas já não têm mais truques para iludir a realidade. Agora até o mais analfabeto dos portugueses sabe que quando arrancou a última folha do calendário de 2010, começa o primeiro dia de Janeiro de 2011, em que, apesar de ser feriado, já vai começar a suportar mais impostos, subida de preços, cortes nos salários, e mais desemprego. Infelizmente o OE para 2011 também vai obrigar a generalidade dos portugueses a pagar mais pelos serviços de saúde e, os que têm filhos na escola também vão ter que pagar mais pela educação dos seus filhos. Podem os políticos dizer que tudo isto acontece com Portugal por causa da economia global, por causa dos mercados financeiros e da especulação. Mas se reflectir bem sobre a nossa história recente vai certamente encontrar respostas para explicar a situação do país e a sua pobreza.

Passaram 36 anos de vida em democracia e liberdade, e temos que reconhecer que o país e a e os portugueses evoluíram muito. Estamos hoje entre os povos mais cultos da Europa, 867 anos de existência, experiência de vida e as novas oportunidades dão-nos esse estatuto e, devemos ter hoje mais doutores e engenheiros por mil habitantes que os outros parceiros da comunidade. Temos mais políticos. Temos mais deputados. Temos mais gestores públicos ganhando, mais que o presidente da república, muitos deles ganham mais 30% que os seus colegas europeus. Temos a melhor selecção da Europa que tem o melhor jogador do mundo e não ganha nada. Temos mais pilha galinhas na cadeia, e mais ladrões de colarinho branco na rua. Temos um país que é um jardim à beira mar plantado, com um mar imenso e um clima fenomenal, só nos falta as bananeiras. Temos tudo isto, mas porque será que somos dos povos mais pobres da Europa? Parafraseando Mário Soares na resposta que deu a um jornalista, durante uma visita que fez a Moçambique há já alguns anos, quando lhe perguntaram sobre o resultado da independência e a miséria em Moçambique? Respondeu mais ou menos assim: "Estão mais pobres é verdade!...Mas têm a liberdade de escolher o que querem ser!". Esta resposta foi a constatação de um facto, e fez-me recordar a semelhança dos moçambicanos com os portugueses, também nós estamos mais pobres, quase na miséria, mas também temos a liberdade de escolher o que nos é dado escolher.

Bem podem agora os políticos portugueses clamar ou desculparem-se com a economia global e a crise financeira mundial que afecta a Europa e o mundo ocidental, para justificarem o desastre a que conduziram o país. Estes políticos não entregaram Portugal à Espanha ou à França, países que os portugueses seriam capazes de combater outra vez, como em 1385, 1640 ou em 1810, entregaram-no como hipoteca às praças financeiras que emprestaram dinheiro a rodos para alimentar

" vaidades" de um país governado por mentecaptos, que quase parece não ter futuro. 867 anos para fundar uma nação que deu novos mundos ao mundo e bastam apenas 50 anos, para reduzir a nação portuguesa ao insignificante estatuto de região da Europa, província de Espanha ou colónia da China.

Poder-se-ia dizer que a triste e vergonhosa situação a que o país chegou é da exclusiva responsabilidade dos políticos. Assim fosse, porque qualquer revolução eliminaria fisicamente tais políticos. A verdade é que a responsabilidade do descalabro a que chegámos se deve exclusivamente a cada um dos portugueses que ao exercer o seu direito de votar decidiram o seu modelo de sociedade e o seu futuro. E também aqueles que não votaram têm iguais responsabilidades, porque deixaram que outros lhes decidissem o futuro dos últimos 15 anos rumo ao socialismo, com um breve intervalo de 3 anos de social democracia. Estes 15 anos conduziram a maioria do povo português à apagada e vil tristeza que Camões cantava, e em que se pode ver agora os maus "muitos mais" a banquetear-se e a viverem à grande e à francesa à custa da desventura e desgraça dos bons que continuam a trabalhar para honrar as suas famílias e os seus antepassados, para que o país não afunde de vez.

Para terminar este editorial cito Adrian Rogers 1931 para que você reflecta:

"É impossível levar o pobre à prosperidade através de legislações que punem os ricos pela prosperidade. Por cada pessoa que recebe sem trabalhar, outra pessoa deve trabalhar sem receber.

O governo não pode dar para alguém aquilo que não tira de outro alguém.

Quando metade da população entende a ideia de que não precisa trabalhar, pois a outra metade da população irá sustentá-la, e quando esta outra metade entende que não vale mais a pena trabalhar para sustentar a primeira metade, então chegamos ao começo do fim de uma nação".

O Editor



O título da nossa capa de Janeiro de 2010 dizia que esta é a Década Crucial. O primeiro ano desta década já passou e os resultados na recuperação económica e melhorias das condições de vida da nossa região e do nosso país, em vários domínios, é francamente negativo. Estamos hoje pior do que estávamos em Janeiro de 2010. Portugal está sob constante ameaça dos mercados financeiros que é assim como uma espada de dois afiados gumes. Para viver e alimentar o povo o governo português precisa de se financiar no estrangeiro, para comprar bens essenciais como o trigo, o leite, whisky ou caviar. Do mesmo modo que precisa de se financiar para comprar equipamentos para o desenvolvimento, máquinas para escolas, hospitais, assim como Mercedes, Audis, Maseratis e quinquilharia vinda da Ásia. Os mercados vão emprestando dinheiro a Portugal para comprar o que não produz mas, como também não produz outros bens para exportar e não cria mais riqueza, o risco de incumprimento das suas obrigações vão sendo cada vez maiores e os juros vão sendo por isso mais altos. Não adianta por isso culpar os mercados financeiros da nossa desgraça, e por nos emprestarem dinheiro, mesmo com juros altos. De facto os portugueses não podem culpar os mercados financeiros, que ainda nos emprestam dinheiro, pelo mau aproveitamento, esbanjamento e desperdícios, feito pelo governo de Portugal.

Estamos já no segundo mês de 2011 e parece que está tudo como antes no Quartel de Abrantes. Parece que tudo vai bem neste país que, apesar dos milhões que entram, continua a ser um subúrbio da Europa. O governo vai pondo nos mercados financeiros mais venda de dívida soberana de curto prazo que os mercados vão aproveitando. O governo de Portugal até já nem faz distinção se os países a quem vende os títulos são regimes democráticos e respeitadores dos direitos humanos. Isto até que o Banco Central Europeu ou o Fundo Monetário Internacional diga, chega! E obrigue finalmente os portugueses a perceberem que não vivem no país das maravilhas com Alice, nem num mundo de faz de contas. Será que é assim tão difícil perceber que, se o que país pede emprestado hoje, tem que pagar com juros num futuro próximo. Se não pagar em dinheiro vai ter que o pagar em bens ou com o corpo (vendendo activos e empresas públicas, ou enviando jovens em contingentes militares ou como força de trabalho para outros países).

Nós aqui no Algarve, há muito que vimos sentindo a situação económica social a agravar-se de ano para ano. O nosso receio é que este ano a essa situação se deteriore de mês para mês com consequências mais graves no tecido social e tenha reflexos ainda mais negativos a nossa principal indústria que é o turismo. Se em Janeiro de 2010 dizíamos na capa "O início da Década Crucial para o Algarve, Portugal, a Europa e o Mundo, dizemos agora na capa da edição de Fevereiro que "A sua atitude também conta para combater a crise!" porque tudo aponta que o ano de 2011 pode ser o ano mais difícil para o Algarve e os algarvios, porque como estatísticas o indicam somos a par do Alentejo, como das uma regiões mais pobres do país e com maior número de desempregados.

"A sua atitude conta para a combater a crise!" E conta desde logo nas suas opções do dia a dia. A sua atitude conta nas escolhas que faz em cada momento, porque vai condicionar a sua vida no presente e também condiciona o seu futuro, e futuro da sua terra. Por isso, fazendo por esquecer o governo e os políticos, independentemente do extracto sócio económico a que pertence, esforce-se por colaborar na recuperação económica da nossa

região. Seja racional nos seus consumos e sobretudo não desperdice recursos que a outros podem fazer falta. Seja selectivo nas suas opções de consumo. Dê preferência em primeiro lugar ao que se produz no Algarve e em Portugal, depois aos produtos da nossa vizinha Andaluzia, Espanha, Inglaterra e Alemanha que são os nossos melhores parceiros comerciais. O drama do nosso país é que consumimos mais do que produzimos, e para inverter esta realidade só há duas soluções; ou produzimos mais para o mercado interno e para exportar, ou consumimos menos para importar menos. Se o descalabro económico e financeiro a que o país chegou é para si algo abstracto, já não será tão abstracto se por comparação reduzir o tamanho do país à dimensão da sua família em que todos estão obrigados a trabalhar para garantir as necessidades básicas, o bem estar possível, e o futuro do seu agregado familiar. Da participação e esforço de cada um, e de todos os membro da sua família dependerá não só a satisfação das necessidades básicas, e o bem estar relativo, mas também a possibilidade da família atingir níveis superiores de bem estar, de satisfação e de riqueza. No oposto, se você e cada membro da família não trabalhar para atingir mínimos necessários para a sobrevivência da sua família, é certo e sabido que mais tarde ou mais cedo a família cai na miséria e passa a depender da caridade pública. Os países são como as famílias, se não trabalharem? Se não produzirem riqueza? Se não fizerem poupanças para criarem reservas financeiras para mais investimentos, ou garantir estabilidade económica, mais tarde ou mais cedo têm que começar a vender activos e a recorrer aos mercados financeiros, na esperança de não cair no buraco negro do endividamento que leva, no limite, à miséria extrema. Se não mudar de atitude Portugal e os portugueses, que estão próximo do redemoinho, arriscam-se a ir para o buraco negro com toda a liberdade, donde depois só poderão sair com uma ditadura.

"A sua atitude também conta para combater a crise!" A atitude que se espera de si nesta batalha contra a longa crise que o Algarve vive, é que: ajude, colabore, participe, eduque, dê o exemplo para mostrar que, com o esforço de cada um, e a solidariedade de todos, o Algarve poderá recuperar da crise que empobrece a região e os algarvios há já alguns anos. Seja selectivo nos seus consumos! Veja qual a origem dos produtos que compra! Faça compras em empresas sediadas no Algarve. Evite os excessos e os desperdícios! Reduza ao máximo os consumos de todos os combustíveis que utiliza no dia a dia. Poupe na água que consome, evite desperdiçar alimentos, em especial o pão. Poupe o meio ambiente e ajude a preservá-lo, isso evita despesas ao município e gera riqueza para a região. Se o que ganha lhe permite passar férias no estrangeiro, este ano não vá para fora, fique no Algarve no país ou na Andaluzia. Se fuma, deixe de fumar hoje mesmo, junte o dinheiro que poupa e vai ver que daqui a alguns anos esse pé de meia vai dar para pagar a formação Universitária do seu filho ou do seu neto e abrir-lhe assim uma porta de oportunidades para ele chegar mais longe do que você chegou!

Tem aqui uma lista de atitudes a que pode acrescentar mais algumas que ajudem a combater a crise que nos afecta a todos desde o mais pobre, ao mais rico dos algarvios. Se não participar, e não fizer nada pela sua terra, pelos seus familiares e amigos, então você será apenas mais um desertor deste combate, e um falhado, que o erário público e a caridade alheia terá que suportar.

O Editor

EDITORIAL

Com as convulsões sociais, levantamentos populares e as revoluções que vão tendo lugar no médio oriente, julgo começar a compreender porque os políticos se agarram e os seguram tanto à cadeira do poder, quer eles sejam eleitos democraticamente ou tomem o poder com um qualquer golpe de Estado.

No médio oriente, os regimes instituídos quer eles assentem em partidos políticos, irmandades religiosas, em generais, coronéis ou cabos, dá para entender que a sua permanência no poder se deve a que, como numa pirâmide, os de baixo seguram na cadeira de quem está no poder de modo a que este esteja bem escorado e seguro pelos que estão logo abaixo, estando estes também muito bem alicerçados nos que imediatamente abaixo garantem segurança aos que estão por cima e a quem se senta na cadeira do poder. Logo abaixo há outra camada de indivíduos, funcionários, esta bastante mais numerosa mas bem enquadrada em redes, que interligadas entre si garantem as bases de sustentação das chefias, das elites e dos líderes. Por baixo de todas estas camadas sociais só há uma enorme massa que suporta e alimenta as camadas superiores. É assim nas ditaduras, militares, ideológicas ou religiosas, mas também começa a ser assim nas democracias do sul da Europa. Não que estas assentem nos mesmos pressupostos mas porque os nossos regimes políticos assentam em partidos políticos bipolares, e mais uns poucos partidos quase sem expressão popular nem significado nas decisões da governação, mas cuja existência dão a ilusão de que os regimes são democráticos. No médio oriente e em África já se sabe que os governantes eleitos, democraticamente ou não, se perpetuam no governo dos seus países e se apoderam de fortunas, ao mesmo tempo que vão repartindo, grande parte das receitas das riquezas naturais dos seus países com os seus generais, forças armadas em geral, dirigentes políticos e religiosos de modo a garantir, a continuidade da situação que dá de ganhar a todos os que estão na parte de cima dessa pirâmide. No médio oriente as novas tecnologias, a multiplicidade de canais de televisão, o telemóvel, a internet, o facebook e o twitter despoletaram a consciência, em primeiro lugar dos jovens que têm acesso mais fácil às novas tecnologias, e por arrastamento, forçaram a tomada de consciência das gerações mais velhas que foram contagiadas por esse entusiasmo e generosidade da juventude. O médio oriente vai servir de rastilho para as populações do sul da Europa, começarem a considerar que a solução para os seus problemas, embora diferentes, também passa por levantamentos populares e revoluções que dêem lugar a uma nova ordem social e económica em que prevaleça um maior equilíbrio na distribuição da riqueza nacional dos seus países. Já não é admissível que os políticos corruptos, os seus correligionários e os testas de ferro, continuem a roubar o povo delapidando o dinheiro do Estado, das empresas públicas e alienando propriedades do Estado para proveito de terceiros. Em Portugal começa também a haver um profundo sentimento de mal estar, de revolta em relação aos políticos, desprezo pelos deputados, e até de ódio pelos administradores, quadros e assessores de empresas públicas, que têm vencimentos escandalosos.

De facto os países do sul da Europa, estão em risco de sérias convulsões sociais porque, a exemplo das revoltas no médio oriente, se lá não é possível viverem com 1,50 € por dia, no sul da Europa e particularmente em Portugal já começa a ser difícil, para os que têm emprego, viver com 10€ diários. Na Grécia em 2010 houve violentas manifestações de descontentamento. Em 2011 esse descontentamento vai agravar-se mais porque o país não consegue

reequilibrar a sua economia, não obstante o apoio e ajuda que possa ter da União Europeia do BCE e FMI. Aliás a proposta do aumento do fundo de coesão para 500 mil milhões para ajudar os países em dificuldade, a que a Alemanha se opõe, já é uma tentativa da União poder ter dinheiro para acudir às situações de revolta que vão concertiza eclodir nos países da União com economias mais débeis, entre os quais Portugal se inclui. E o interesse dos políticos que dirigem a União é o de manter esta coesão política e económica que lhes dá a eles, em primeiro lugar, ganhos fabulosos, depois podem distribuir pelos diferentes países verbas astronómicas, para suposto desenvolvimento que acontece em parte, e a outra parte vai para alimentar as classes políticas e dirigentes para que a mesma cadeia de poder se mantenha, tendo o seu topo em Bruxelas. Não se sabe como acabar com esta família que se subdivide noutras famílias ou, por comparação, não há como acabar com este polvo europeu que tem polvos mais pequenos em todos os países da união. No médio oriente a revolução já começou e alastra país a país. Na Europa há já quem pense que só uma guerra ou um cataclismo natural pode acabar com a insaciável ganância das elites. Para terminar esta reflexão sobre o que acontece num mundo e que também nos afecta, temos que admitir que o motor da Europa é, sem dúvida nenhuma, a Alemanha. É de facto uma ironia do destino que tendo Hitler sido impedido de governar a Europa, tenha que ser agora a Alemanha a suportar os maiores custos económicos para manter a Europa unida.. Voltando agora ao nosso Algarve que tem a mais alta taxa de desemprego, e os analistas dizem ser a região mais pobre do país, não é admiração nenhuma que assim seja, porque o reino dos Algarves sempre foi esquecido por quem governa e quando eles se lembram dos Algarvios é para lhes extorquirem mais alguma coisa e, assim, ainda nós não recuperámos da retracção de 2007 e da recessão que se seguiu desde 2008, logo agora que esperávamos que a instabilidade nos países do médio oriente nos trouxesse mais turismo e isso nos ajudasse a baixar a taxa de desemprego e a recuperar a débil economia da região, já o Estado quer cobrar portagens na Via do Infante. Sobem os combustíveis mas o Estado não reduz os impostos e taxas que sobre eles incidem. Sobem os custos para o utente dos serviços do Estado, das forças de segurança, aumenta a pressão fiscal sobre as empresas e os trabalhadores, sobre os funcionários públicos também. Acontece tudo isto e nós consentimos, uns porque já estão velhos, outros porque 10 € por dia lhes chega, outros porque têm pais, outros porque ainda têm emprego, ou têm subsídio, outros porque estão ocupados a estudar e as criancinhas não contam, assim como os mortos também já não contam para este consentimento que nós todos damos a quem nos explora. Mas haja alegria, porque enquanto há vida há esperança em dia melhores. Para os algarvios os dias melhores começam com a chegada da primavera que nos vai aquecendo o corpo, e das andorinhas que nos trazem a esperança e nos dão ânimo para acreditar na renovação da vida. A nossa capa desta edição é um apelo, a essa esperança, porque dizemos" Que não nos falte o Sol porque de tanga já estamos"

Para terminar, quero desejar-lhe um bom Carnaval, passado no Algarve, claro! E que encare a vida, que vive nesta pacífica região, como uma dádiva que deve agradecer a Deus a Alá, Buda, Khrisna ou outra qualquer divindade, (e sendo ateu, não acreditando em nada, agradeça também a quem o gerou e pariu,) porque cada dia que abre os olhos para a vida acontece um milagre, e é uma alegria para quem o ama.

O Editor

E agora como é que vai ser? O que é que os políticos vão fazer para tirar Portugal do buraco em que o meteram com a sua incompetência e vaidades vãs? Será que eles vão ser acusados de administração danosa e fraudulenta da coisa pública? Será que vão ter que reembolsar ou indemnizar o Estado das perdas e prejuízos que causaram, ao país e aos portugueses, com os seus desempenhos enquanto governantes?

Se acredita que os políticos responsáveis pelo descalabro económico e financeiro, em que o país está, vão pagar alguma coisa por isso? Então você ainda é mais burro do que pensa e parece. Se está a pensar que por viver em "democracia" vai penaliza-los com o seu voto, olhe que isso pouca diferença vai fazer porque com o seu voto você apenas vai trocar umas moscas por outras. Você lembra-se daquele desenho de dois burros amarrados um ao outro em que cada um puxa para seu lado para chegar ao fardo de palha que lhe está mais próximo? E lembra-se que solução é que os dois burros encontram para solucionar o problema? É isso mesmo. Os burros chegam a acordo para, comerem juntos o primeiro. Depois comem juntos o outro fardo e assim sucessivamente dum lado e outro, de parceria, vão comendo a palha. É claro que, se um dos burros além de burro, é asno e teimoso que nem uma mula, empenca para um lado e acaba por partir a corda. Já percebeu concerteza quem são os burros nesta fábula e quem são os inertes fardos de palha que os alimentam?

Estamos de facto fornicados e não adianta culpar mais uns políticos que outros, embora haja alguns que são mais culpados. Na verdade os governantes são tão culpados e responsáveis pela presente situação que o país vive como o são os eleitores que os elegem, e mesmo aqueles que votam em branco ou não vão votar. E ninguém está isento de culpas, nem mesmo aqueles que votam e elegem deputados que no parlamento fazem as leis com que nos governam e se vão também governando. Houve uma deputada que, num aparte, afirmou no parlamento que se deveria suspender a democracia por seis meses para resolver alguns problemas mais imediatos. Há já quem pense que deveria suspender-se a democracia por muito mais tempo. Há quem pense que é preciso reformar a democracia e voltar ao seu conceito básico da antiga Grécia em que só os homens bons tinham direito a voto. Nas democracias actuais todos têm direito a voto, e tanto vale um voto de um analfabeto como vale o voto de um doutor. Tanto vale o voto de um advogado como o de um ladrão. Tanto vale um voto de um doutor como o de um toxicodependente. Tanto vale um voto de um guarda prisional como de um presidiário. Tanto vale o voto de um cidadão contribuinte pagador como o voto de cidadão subsidiado pelo Estado. Faça este exercício de comparação do valor do voto de cada cidadão e vai chegar à triste conclusão de que o seu voto, decidido em consciência para contribuir para o bem comum do país e da sociedade, se desvaloriza, se anula e se perde, por força da soma dos votos que fazem as maiorias circunstanciais que se formam, porque os eleitores dão o seu voto em função dos seus interesses pessoais, de classe, ou por acreditarem no muito que os candidatos prometem dar e oferecer ao povo e ao país. Triste ilusão de que vivemos em democracia, em que uma parte do país trabalha para suportar a outra parte, mais os políticos e o Estado.

Se para resolver os problemas do país é preciso decidir, entre suspender a democracia por seis meses ou seis anos? Ou reformar essa mesma democracia dando o direito de votar exclusivamente aos cidadãos que são contribuintes activos para o erário público? Eu prefiro a segunda opção! Desde modo, e democraticamente, só

tinha direito a eleger e ser eleito governante, deputado ou autarca, quem de facto paga a democracia e os custos do Estado. Esta simples reforma melhoraria em muito a qualidade da nossa democracia. Infelizmente não vai haver reformas e você vai ver, caro leitor, como nas eleições que se avizinham, quem prometer a continuação do Estado Providência, Estado Social, e a ajuda aos mais desfavorecidos, vai ter o voto de seiscentos mil desempregados e, pelo menos, vai ter mais um voto desses agregados familiares. Lá para Gondomar, em eleições autárquicas um candidato prometeu electrodomésticos e foi eleito. Nas eleições nacionais há candidatos que prometem tudo e mais alguma coisa (que não lhes pertence) e são eleitos naturalmente. Como vê, na nossa democracia, os votos também se podem comprar com electrodomésticos ou com promessas de que todos os portugueses vão continuar a ter um Estado Social, e entre muitas outras coisas boas também vão ter direito a um automóvel eléctrico subsidiado pelo Estado. Prepare-se! Porque com as eleições que aí vêm é muito possível que seja você, que ainda tem emprego, a pagar mais para o Estado Social, e claro a contribuir para subsidiar o automóvel eléctrico do seu vizinho.

Mas anime-se! Nem tudo está perdido. Se você é um daqueles portugueses que está habituado a trabalhar doze a dezasseis horas por dia? Ou daqueles que se obrigam a ter dois e três trabalhos para poderem fazer face aos encargos de família, e cumprir com responsabilidades financeiras para pagar a casa e outros empréstimos contraídos, vai concerteza conseguir sobreviver, e passar as passas do Algarve. Para isso basta que não abrande o seu ritmo de trabalho e, já agora, para pagar os impostos extra que estão anunciados para 2011 e não perder poder de compra, aumente o seu esforço de trabalho em mais uma hora ou duas por dia, ou arranje mais um trabalho extra em parte time. Faça como eu que trabalho muitas horas todos dias e, assim, não tenho tempo para ligar nem á política, nem ao futebol, nem ás mulheres! Até porque política me enjoa! O futebol entristece-me! E as mulheres? Basta-me a minha para me lembrar, que é preciso mais que uma vida para as entender e fazer felizes.

Desejo-lhe um bom mês de Abril, e se quiser acompanhar o que vamos fazendo durante o mês? Visite-nos em www.amelhoropcao.com ou no facebook. Também estamos nesta rede social para fazer amigos, quiçá alguns inimigos também, mas sobretudo estamos no facebook para que os amigos e os amigos dos amigos, nos conheçam e ajudem a divulgar a nossa revista para, com essa divulgação, conseguirmos mais publicidade de empresas que nos dêem mais trabalho para aumentarmos o número de páginas e a tiragem desta revista, que editamos desde 2006 e chega às sua mão gratuitamente todos os meses.

O Editor

The image shows a Facebook profile for Inácio Alves. The profile includes a cover photo with the letters 'IA', a profile picture of a man with glasses, and a bio that says 'União Alves'. There are sections for 'Pessoas que talvez conheças' (Antonio Oliveira, Rafael Perestre), 'Patrocinado' (Dores nas articulações), and 'Festas mais Cool'.

Enfim a maioria dos portugueses já caíram “na real”, e reconhecem agora que estão falidos e mal pagos. A União Europeia e os credores internacionais já nomearam para Portugal uma comissão gestora de insolvência para garantir que os financiamentos que vão fazer agora vão ser pagos, bem como os empréstimos que já fizeram ao país. Como qualquer empresa mal administrada mais tarde ou mais cedo entra em falência, também Portugal, está insolvente ao fim de dezasseis anos de governo socialista, com um breve intervalo de três anos do governo de Durão Barroso/Santana Lopes, 2002/2005. Os últimos seis anos do governo de J Sócrates acabou com o seu pedido de demissão por já não ter como garantir, dentro de poucos meses, o pagamento dos empregados do Estado e o cumprimento de obrigações para com os credores internacionais.

Como é que Portugal chegou à vergonhosa situação em que se encontra de não ter dinheiro para pagar os credores internacionais? E pior ainda, ter descido tão baixo no conceito das nações que, para lhe emprestem dinheiro para pagar dívidas e juros, lhe exigem juros astronómicos? Como é que Portugal depois de ter sido um bom aluno na sua integração europeia até 1995 é, hoje, a par da Grécia um país pedinte, quase comparado a um país indigente que, muitos cidadãos da Europa do norte consideram como sendo um país de malandros que não gostam de trabalhar e só pensam em viver à custa do fundo de coesão europeu e de empréstimos. Até a longínqua Finlândia se recusa a participar com a sua quota parte para o financiamento no fundo do FEE para resgate económico e financeiro de Portugal, por considerar que é dinheiro perdido qualquer empréstimo a Portugal.

Como foi que este governo deixou que Portugal chegasse quase à ruína total? Foi por incompetência dos governantes? Foi por desleixo e omissão de quem devia ser mais responsável? Foi por dolo e aproveitamento dos recursos do país repartido por uns quantos, políticos, gestores públicos e Lobbys, como acontece com frequência nos países do terceiro mundo? E onde estavam os deputados eleitos para representarem o povo na AR, que deviam denunciar e oporem-se ao desastroso rumo que o país levava? Como é que ninguém viu e ouviu o que muitos portugueses ilustres diziam e avisavam para se evitar o rumo suicida para o qual a governação levava o país? Ninguém do governo ouviu o que diziam; Medina Carreira, Hernâni Lopes, Jacinto Nunes, entre muitos outros reputados técnicos de economia e finanças? E o que dizia ao governo da nação o Governador do Banco de Portugal Victor Constâncio enquanto governador? Onde estavam os governantes do partido socialista ou independentes, supostamente portugueses patriotas cujo dever para com o país os obrigava a denunciar a má administração e má gestão da coisa pública? As respostas para estas perguntas todos os portugueses de inteligência média, e os que não são burros de todo, conhecem as causas, conhecem os responsáveis e os culpados.

Será que alguém vai ser condenado pelo descalabro económico e financeiro a que o país chegou? Será que os gestores de empresas públicas e de organismos do Estado que a si mesmos e entre si atribuíram vencimentos, prémios e regalias que todos reconhecem serem escandalosos, vão ser punidos pelos abusos, e obrigados a devolver o que imerecidamente ou indevidamente receberam do Estado, de empresas públicas ou de empresas

com participações do Estado? Será que os responsáveis do Estado que negociaram contratos de Parcerias Público Privadas favorecendo consórcios empresariais e financeiros vão ser responsabilizados pelos prejuízos causados ao próprio Estado? Será que os banqueiros, administradores, e gestores da Banca Pública e Privada também vão ser responsabilizados e penalizados por terem contribuído para o descalabro económico e financeiro a que o país chegou por força de agirem única e exclusivamente em defesa dos seus interesses e do aumento de dividendos para os seus accionistas?

Nenhum dos políticos que você conhece e sabe que têm responsabilidades, ou que são mesmo culpados de, por incompetência ou cumplicidade prejudicarem os interesses do Estado, jamais serão acusados, e menos ainda serão condenados. Os únicos portugueses que vão ser condenados a pagar pelo estado a que o Estado português chegou, somos nós. Eu, você e outros mais que não somos empregados do Estado e trabalhamos todos os dias, mais de 10 horas por dia, é que vamos ter que trabalhar mais para pagar o déficite e repor o que os governantes perderam, esbanjaram ou deixaram roubar na má gestão da coisa pública. E peça a Deus para que haja mais portugueses para trabalhar porque se continuarmos a ser cada vez menos no activo e menos com vontade de trabalhar, a idade de reforma irá passar não para 67, mas sim para 70 anos e antes do final da década já estará nos 73 anos.

Agora já não adianta chorar sobre o leite derramado. Para você superar a crise não precisa ser doutor ou engenheiro, comece por fazer uma exaustiva análise da situação sócio económica em que se encontra. Quais são as suas receitas e as suas despesas mensais fixas e variáveis? Será que as suas contas estão equilibradas? Mesmo estando equilibradas, há que contar com possíveis imprevistos, como perda de emprego, baixa de rendimentos por recessão do mercado ou acidentes, por isso, veja o que pode começar a cortar nas suas despesas, desde já, para fazer alguma poupança que lhe permita colmatar eventuais quebra de receitas. Feito essa análise, e consciente da sua situação económica, equacione o que pode fazer mais para poder garantir, em caso de necessidade, mais receitas. Veja que outros trabalhos pode fazer para conseguir receitas extras. Os tempos de crise não têm que ser forçosamente críticos, e nunca o serão para todos aqueles que arregaçam as mangas e jogam as mãos a todo e qualquer trabalho. E sobretudo lembre-se que para vencer a crise só há duas opções; Ou baixa os braços e passa a viver da caridade pública e dos restos que outros não querem! Ou arregança as mangas e trabalha mais para chegar até onde o levar a sua capacidade e a sua vontade.

Dada a mezinha para o ajudar a enfrentar a crise, também é bom dar-lhe outra mezinha para você ajudar a região e o país, não só a enfrentar a crise do endividamento excessivo, mas a sair dela mais rapidamente e com sucesso. A partir de hoje seja mais selectivo nas suas opções de consumo. Evite comprar artigos e produtos importados quaisquer que eles sejam, e se tiver mesmo que os comprar então opte pelos produtos dos países que são os nossos melhores parceiros comerciais, como a Espanha, Inglaterra, Alemanha, França. Conheça os códigos identificativos destes países. Dê preferência ao que se produz em Portugal cujo código de barras começa por ‘560’.

Os portugueses vão a votos. Todos têm direito a voto. Uns portugueses exercem esse direito outros não. Uns vão votar num partido, outros noutros, outros votam em branco e há os que ficam em casa. Dos que votam no partido dos tálibem da situação, não temos nada a dizer. Dos que votam nos partidos da oposição dos tálimal também não dizemos nada. Nos que votam no partido que tem a foice e o martelo do princípio do século XX, ou no partido dos blocos ou tijolos também não comentamos porque há gostos para tudo em Portugal, e tolerância. Agora daqueles que ficam em casa e não vão votar, é que temos alguma coisa a dizer. É que, se não vão votar? Vão deixar que outros, quiçá alguns ainda mais preguiçosos, ignorantes ou mais burros, decidam por si o seu destino. Que você vá votar, e vote mal ou bem? É uma decisão sua de que poderá orgulhar-se no futuro se, com o seu voto, contribuir para que o país saia do buraco e progrida, ou poderá vir a arrepender-se se contribuir para que esse futuro seja ainda pior do que o presente que temos hoje. Num caso ou outro é você que decide e exerce o seu direito e dever de votar, e isso também lhe dará o direito de, mais tarde, aplaudir ou protestar se aqueles que elege não cumprirem com os compromissos assumidos na campanha. Por isso, e nem pedimos por amor de Deus, porque pode não acreditar em Deus, mas pela sua saúde não fique em casa! vá votar!

Se você não sabe, é bom que se consciencialize que as eleições de 5 de Junho são, desde o 25 de Abril, as mais importantes e cruciais para o nosso futuro colectivo como país. Depois de 5 de Junho não haverá mais espaço para ilusões e as vãs promessas dos políticos porque um país que não é capaz de trabalhar para se auto-alimentar e produzir riqueza, não terá condições para atender às necessidades da população que o compõe e por isso estará condenado á miséria e consequente desagregação.

Em 5 de Junho você terá que optar de entre as forças políticas que concorrem a este acto eleitoral, qual a que melhor é capaz de servir Portugal e os portugueses? E para tomar essa decisão você nem precisa ser muito letrado, não precisa ter um certificado das novas oportunidades, nem ter um bacharelato, licenciatura ou ser doutor! Só precisa de fazer uso da sua capacidade de análise, honestidade intelectual e bom senso, que é como quem diz, ver com olhos de ver e pensar com a sua cabeça, não só o que lhe parece bom para si neste momento, mas também e sobretudo o que deseja e quer que seja bom para o futuro dos seus filhos e dos seus netos. Você vai ter que decidir de entre os líderes políticos que concorrem ás legislativas de 5 de Junho qual o dirigente que merece o seu voto por ser o mais capaz para governar Portugal e liderar o povo português para sair do buraco em que o país está.

A decisão de escolher e contribuir para traçar um rumo melhor para Portugal, também está nas suas mãos, por isso vá votar! Não deixe de exercer e expressar o seu voto.

Analisando com distanciamento esta campanha eleitoral, é de facto uma excelente oportunidade para você tomar consciência do povo que somos, e do qual você faz parte quer queira quer não. Veja como os políticos se expressam? Como alguns falam cobras e lagartos dos opositores e das suas intenções? Como são capazes de mentir descaradamente? Como são capazes de omitir verdades? Como são capazes de prometer o que sabem não poder cumprir? Como se maltratam verbalmente e ofendem adversários, para no dia seguinte se cumprimentarem hipocritamente como se nada se tivesse passado? O teatro que fazem a roçar o dramático, o cómico o brejeiro e muitas vezes o ridículo por representarem mal os seus papeis? E fazem tudo isto para o convencerem a si, a dar-

lhes o seu voto!

Depois de lhes dar o voto você passa a ser o que sempre foi, um indivíduo identificado não pelo nome, mas pelo NIF através do qual você paga as suas contribuições e impostos, que pagam os salários dos políticos que elege, e um Estado que o deveria servir melhor.

Mas se os políticos são o que o povo deles diz, que lhes falta carácter e coragem, que dizer dos eleitores que os elegem? Quando perguntam a um eleitor em quem vai votar? Ou lhe perguntam depois em quem votou, e ele responde com um chavão "O Voto é Secreto"! Será essa resposta do eleitor também falta de coragem para assumir as suas opções e a responsabilidade do seu voto? Ou será por vergonha de mostrar a sua falta de preparação para escolher? Ou, pior ainda, não diz em quem vai votar, ou em quem votou, porque tem medo de sofrer represálias no futuro? Este editorial termina com perguntas que no mínimo deverão merecer-lhe alguma reflexão!

E nem falei dos jornalistas ou dos jornaleiros, nem dos comentadores profissionais, que acompanharam os partidos e a cobertura das eleições porque você viu bem as reportagens e o contributo que deram para o esclarecimento dos programas eleitorais.

Termino este editorial dizendo; Vá! vamos lá!...

...Vá votar para ajudar a tirar Portugal do buraco em que o meteram, ou vá ajudar a enterra-lo, definitivamente, para dar lugar a outra realidade, como a tragédia grega ou ainda mais dramática, ou mesmo como a comédia cubana, ou como a disciplina circence da Coreia do Norte, para não falar de outras realidades, ainda mais miseráveis.

O Editor



Os portugueses foram a votos. E deram a maioria relativa a um partido que com outro formam uma maioria absoluta no parlamento. Esta coligação tem agora a obrigação de governar para endireitar o país que seis anos de desgoverno Sócrates deixou à beira da falência. Agora, e antes que falte o pão, é preciso pois arregaçar as mangas e lançar mãos ao trabalho e trabalhar mais. A guerra económica que o país vai ter de travar, não será nem fácil nem curta. Para vencer esta guerra é preciso estarmos muito bem preparados não só de força e vontade, mas sobretudo psicologicamente, para podermos vencer todas as pequenas e grandes batalhas que individualmente ou colectivamente se nos apresentem. Para travar e ganhar esta guerra que nos é imposta pelos mercados financeiros, e a economia global, todos os portugueses são necessários para formar as várias linhas de defesa, as de reforço, as forças de ataque clássico e as de intervenção rápida. Nesta guerra todos devem ser chamados a dar o seu contributo, em primeiro lugar os que não têm deficiências, mas também os deficientes, e todos os outros, os que tenham pés chatos como o Dr. Jorge Sampaio, ou um braço mais curto, um olho a mais ou a menos. Ninguém pode ser dispensado desta mobilização geral, nem com cunhas, nem com padrinhos nem que se façam de doidos ou indigentes. Todos. Mas mesmo todos, até os ciganos, têm que dar o seu contributo em trabalho, em meios e em solidariedade para este esforço que Portugal precisa de fazer para vencer a guerra económica que tem pela frente. Nesta guerra não deve haver lugar nem perdão para ladrões, refractários e desertores, e menos ainda para ladrões de colarinho branco.

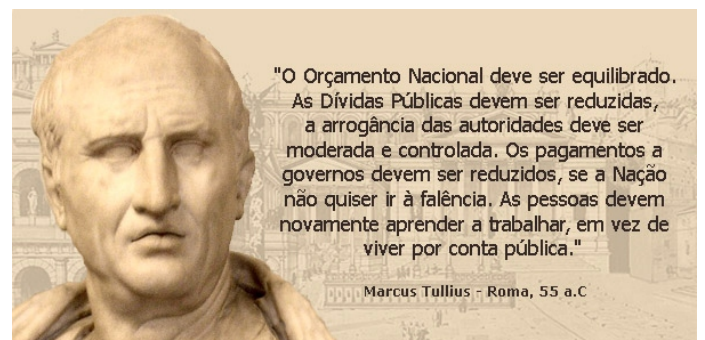
Portugal já tem um governo de maioria que pode levar este povo a reconquistar, de novo, a sua independência económica e financeira. Este é o governo com os ministros mais novos que alguma vez o país teve. É desta nova geração de governantes que o povo espera, não grandes obras, mas sim grandes feitos. Tanto como recuperar a economia e as finanças, o povo espera que se recuperem valores morais e éticos, pelos quais os portugueses reconheçam que vale a pena trabalhar e sacrificarem-se mais pelo seu país. Se este novo governo não der aos problemas da Justiça, a mesma importância e prioridades que vai dar à procura de soluções para a economia e finanças, receio bem que Portugal não desencalhe da situação de risco em que presentemente se encontra, e o país acabe por se afundar como vai acontecer com a Grécia. A Justiça terá que ser reformada tão drasticamente, quanto necessárias são as reformas estruturais da nossa economia. Não haverá reforma económica que recupere e faça florescer as finanças de um país, em democracia, se não houver um sistema de Justiça em que o povo acredita e respeita. É por isso que vaticinamos aqui, nesta insignificante publicação, que se o novo governo através do Ministério da Justiça, não começar desde já a investigar, a responsabilidade dos indivíduos que ao serviço do Estado no Governo, na Administração Pública, nas Empresas Públicas e parcerias Público Privadas permitiram desvios, prejuízos e roubos ao Erário Público, se não para os acusar formalmente e condenar, pelo menos para que seja do conhecimento público quem foram os indivíduos responsáveis pela situação de descalabro a que o país chegou. É preciso que este novo governo recupere a moral e a ética, e em particular que o Ministério da Justiça seja mais actuante para que não fique tudo na mesma como antes, no quartel de Abrantes.

Voltando ao nosso conceito de que Portugal tem uma guerra económica e financeira para travar, e vencer os mercados financeiros e o mercado global que ameaçam subjugar o país, há pois que traçar estratégias e mobilizar todos os portugueses para esta guerra, que só pode ser vencida pela inteligência, vontade coragem e perseverança, de que este povo já deu provas em oito séculos de história. A estratégia para vencer cada batalha desta guerra deve assentar nas mesmas estratégia do quadrado defensivo de D. Nuno Alvares Pereira em Aljubarrota ou Mouzinho de Albuquerque em Moçambique. Esse quadrado estratégico permitiu a tropas em inferioridade numérica, resistir, e vencer forças muitas vezes superiores. Imaginemos pois que cada flanco do quadrado de defesa tem uma função específica, uma ala é a da economia e finanças, outra ala é a da Justiça, outra a da educação, e a quarta é a ala do trabalho e solidariedade. Constituir este quadrado defensivo com gente capaz e determinada é a solução para defender o que ainda resta ao país. Para vencer a guerra e aproveitando a mobilidade dos tempos modernos o quadrado pode em cada momento transformar-se num losango em que duas alas, economia e educação, fazem uma afiada ponta que pode penetrar em qualquer terreno ou economia, conquistar e manter posições, enquanto as outras duas faces do losango compostas pela Justiça, trabalho e solidariedade assegurarão sempre a força de retaguarda. A estratégia para Portugal vencer a guerra económica e financeira é simples, só precisamos de ter comandantes à altura não de tamanho físico mas de boa estatura moral e ética, económica e financeira, científica e educacional, bem como de trabalho e solidariedade. Tenhamos nós chefes capazes, e este sacrificado e humilde povo será capaz de vencer qualquer guerra que lhe seja imposta, atestam esta verdade os oito séculos de história de Portugal.

Para terminar o nosso editorial do mês de Julho, como habitualmente, fazemo-lo com o mesmo optimismo de sempre, dizendo aos algarvios que cabe à nossa região um importante papel na guerra económica que Portugal tem de travar e vencer nos próximos anos. É preciso não esquecer que se o Reino de Portugal se fez ao mar na procura de novos mundos, foi graças ao promontório de Sagres e à muita experiência dos marinheiros algarvios cujo expoente máximo foi Bartolomeu Dias que dobrou o Cabo das Tormentas por duas vezes para que os portugueses pudessem chegar mais longe. Se contribuimos com sangue suor e lágrimas para a grandeza da história de Portugal, também agora seremos capazes de trabalhar mais e melhor no turismo, nas pescas e na agricultura, para criar mais riqueza e recuperar a economia da região e do país. Faça por cumprir a sua parte, que eu já estou trabalhando para cumprir a minha.

O Editor

Relembramos o que disse Marcus Tullius, ano 55 a.C.



"O Orçamento Nacional deve ser equilibrado. As Dívidas Públicas devem ser reduzidas, a arrogância das autoridades deve ser moderada e controlada. Os pagamentos a governos devem ser reduzidos, se a Nação não quiser ir à falência. As pessoas devem novamente aprender a trabalhar, em vez de viver por conta pública."

Marcus Tullius - Roma, 55 a.C.

Desta vez começo este editorial com uma boa dose de optimismo, coisa que não me lembro alguma vez tenha acontecido desde o primeiro editorial em Outubro de 2006. A razão deste optimismo prende-se com as mudanças políticas resultantes das últimas eleições e o governo entretanto constituído que já começou a tratar das múltiplas doenças do país e que parece ser capaz de dar conta do recado. Com o novo governo e apesar da situação difícil que o país vive e que é sobejamente conhecida, o novo governo, qual novo médico com novos métodos e tratamentos, veio renovar a esperança dos portugueses de que Portugal tem cura, pode sobreviver e sair mais fortalecido das provações que tem passado. O país qual doente em fase terminal e desiludido tem agora uma equipa, jovem, séria, competente e sobretudo dedicada, que parece ser capaz de revitalizar este velho país de oitocentos anos de história. Todos sabem que para tratar um doente com uma qualquer doença, é preciso primeiro realizar os exames para se fazer um diagnóstico correcto para os especialistas decidirem o tratamento apropriado. O país tem agora um governo para o tratar e cuidar para que não tenha recaídas, e só por esse facto de sabermos que quem o cuida sabe muito bem o que está a fazer já é uma boa razão para o país doente viver e trabalhar com mais ânimo para se curar mais depressa. Saiba o governo governar bem que nós, o povo e corpo deste país, também saberemos dar o nosso contributo para recuperarmos a saúde económica, ética e moral mais depressa.

Outra razão para este editorial ser mais optimista também se prende com as coisas boas que acontecem ao nosso país, como por exemplo o BCE ter baixados as taxas de juro dos empréstimos que vai fazer a Portugal, e por ter alargado os prazos de pagamento o que permitirá ao país ter mais alguma margem de manobra para investir na recuperação económica. A outra boa razão para optimismo tem a ver com os jovens estudantes portugueses que ganharam a medalha de ouro e bronze nas Olimpíadas Internacionais de Matemática, o que nos faz ter esperança de podermos vir a ter no futuro alguns Einstein ou Gates. Deu-me particular alegria prazer ver o nosso ministro da educação ir ao aeroporto para receber e felicitar estes jovens por esta conquista que muito prestigia, os estudantes portugueses, os professores, as escolas e o país. Agora já podemos dizer que não temos só o melhor do mundo a trabalhar com os pés, mas também temos dos melhores do mundo a trabalhar com a cabeça.

Ainda há mais uma razão para continuar a escrever este editorial com optimismo, isto porque apesar dos portugueses terem menos dinheiro disponível para gastar em férias e até ser mais caro vir de holidays para o Algarve, a época não está a ser má, e o mês de Agosto promete ser um muito bom para a economia da região, com a vinda de mais turistas nacionais, mais súbditos de Sua Magestade a rainha de Inglaterra, e também nuestros hermanos da vizinha Andaluzia que muito gostam e adoram a nossa

região. Nem seria necessário recomendar aqui que a industria hoteleira, a restauração, os hipermercados e supermercados devem ser comidos nos preços que praticam, para que os turistas que nos visitam não levem do Algarve má impressão da hotelaria, restauração e do comércio.

Desta vez o nosso editorial está todo ao contrário, começou com boas doses de optimismo mas vai acabar com um bocadinho de pessimismo para contrabalançar com as coisas boas que nos acontecem. Já por mais de uma vez abordámos aqui a questão da segurança no Algarve, e os prejuízos que a falta dela pode causar à região em termos económicos para não falar no sobressalto e receios em que as populações urbanas e rurais vivem permanentemente. Os assaltos armados a hotéis? As pequenas discussões e zaragatas que terminam em violência extrema e mortes como tem acontecido em Albufeira, a par de muitos outros roubos e actos de vandalismo que acontecem um pouco por todo o Algarve, muitos dos quais nem são reportados à polícia porque quase sempre resultam em inúteis de perdas de tempo para as vítimas, obriga a que o governo e as autarquias tomem medidas para evitar maiores consequências, pelo que se torna obrigatório instalar vídeo-vigilância em todos os lugares públicos e zonas de risco. O que aconteceu na Noruega, pode muito bem acontecer em qualquer outro país onde o excesso de liberdades e garantias da democracia de uns quantos levam outros a actos de extremismo. Pense nisso e desfrute de um bom mês de Agosto neste cantinho da Europa que poderia ser um paraíso se fosse melhor cuidado.

O Editor



O mês de Agosto é sempre um mês de alegria e festa. E apesar de todas as crises que afligem particularmente Portugal há anos, e não deixa incólume os nossos parceiros europeus, porque já “xaringou” a vida aos irlandeses e inferniza a existência aos gregos, apesar de tudo isso o nosso Algarve, tal como havíamos previsto em edições anteriores, teve muito maior afluência de turismo, quer nacional quer estrangeiro que em anos anteriores. Receava-se que por força da poupança a que os portugueses estão obrigados, viesse menos gente. Pois como nós previmos veio muito mais gente para o Algarve, quiçá porque Cavaco Silva pediu aos nossos patrícios que fizessem férias cá dentro, ou porque a taxa de vacinação era muito alta, ou então foi porque os portugueses fizeram contas aos riscos e aos custos de fazer férias lá para as Caraíbas, República Dominicana, Brasil ou outros países da América do Sul a braços com a cólera, o dengue, os tufões e as tempestades tropicais, sem contar com as falências das agências de viagens que deixaram muitos passageiros em terra. Também da Europa nos veio mais turistas porque, apesar da crise económica e a taxa de desemprego crescente que afectam os seus países, mesmo assim ainda fica relativamente mais económico e acessível fazer férias em Portugal, por ser um destino mais perto e ser incomparavelmente mais seguro que os países do médio orientes que vivem em permanentes revoluções e instabilidade política e social desde há muitos meses. Este ano o Algarve teve muito mais turistas graças às razões que citámos, no entanto há sempre gente da indústria hoteleira que nunca está satisfeita e comenta com desagrado, que “Houve mais turistas no Algarve, mas gastaram menos que nos outros anos!”. Houve mais gente no Algarve, como sempre em lugar de destaque os nossos habituais amigos do Reino Unido, ingleses, irlandeses e escoceses mas também franceses, alemães e italianos entre muitas outras nacionalidades, mas foram os nossos vizinhos espanhóis, em particular os da Andaluzia que vieram em grande número para o Algarve este ano. Como indígena algarvio, e sabendo das dificuldades económicas que a região vem enfrentado desde há anos, mais o flagelo do desemprego que atinge o Algarve e nos faz ter a mais alta taxa de desemprego do país, eu só posso dar Graças a Deus e agradecer a todos os portugueses que vieram fazer férias na nossa terra, do mesmo modo que agradeço aos ingleses pela sua preferência e fidelidade ao Algarve, mas sobretudo digo Gracias a nuestros Hermanos da Andaluzia por terem vindo em tão grande número passar férias aqui. Oxalá uns e outros continuem a vir sempre para o Algarve para nos ajudarem na recuperação económica da região, na manutenção de postos de trabalho e, eventualmente, na criação de mais empregos que nos permitam continuar a ter a necessária coesão social, que ainda faz com que o Algarve seja uma das regiões mais tranquilas e seguras da Europa.

Do mês de Agosto damos destaque aos eventos que

marcam o Verão na região e que, pode até dizer-se, condicionam ou influenciam a escolha da data para muitas pessoas virem de férias para o Algarve. Um desses certames que já é um cartaz turístico e um dos mais importantes e populares festivais gastronómicos do país é sem dúvida o Festival Do Marisco de Olhão, que traz à Cidade Cubista e Capital da Ria Formosa, milhares de visitantes nos seis dias do Festival de 10 a 15 de Agosto. A Fatacil em Lagoa de 19 a 28 é também um importante certame que atrai muitos milhares de pessoas e se afirma como a mais importante feira do Algarve. As Feiras Medievais de Silves e Castro Marim, são também eventos que habitualmente atraem muitos visitantes. É sempre bom que se realizem vários e diferenciados eventos no Algarve, quer sejam gastronómicos, culturais, desportivos ou outros, para que os turistas que fazem férias na região tenham mais opções de escolha de lugares e festivais para se divertirem e passar uma boa tarde ou uma muito boa noite de férias. Como a nota final dos nossos editoriais costumam ser de optimismo, lembro-lhe que deve acreditar que, até ao fim do ano, é possível que Portugal e os portugueses resolvam o problema da dívida soberana, possam equilibrar a balança comercial e reduzir substancialmente a taxa de desemprego, para que tenhamos todos um fim de ano mais feliz embora sem parte do subsídio de natal mas com a perspectivas de melhor futuro para 2019 e décadas seguintes, se não descobrirmos entretanto petróleo, gaz, ouro em Portugal continental ou, reeditarmos os manuais de economia e finanças do Senhor Dr. Oliveira Salazar.

O Editor



O tempo passa e, apesar dos assertivos diagnósticos e tratamentos, não se vislumbram melhoras nas diferentes doenças que ameaçam a periclitante saúde económica do nosso país. Portugal está sob tratamento de choque e, com a regularidade necessária recebe da EU as transfusões de euros para manter e prolongar a vida na esperança de recuperar forças e sair dos cuidados intensivos em que se encontra, para se levantar de novo e continuar a sua bonita história de mais de oitocentos anos de existência.

Na verdade todos sabemos que a saúde económica do nosso país está mal. O diagnóstico das diferentes maleitas que afectam Portugal já está feito há muito tempo. Não só temos órgãos vitais atingidos pela degenerência da idade do país, mas também pela corrupção ambiental dos tempos modernos, isto para não falar da proliferação de muitos tipos de parasitas que, desde o último quartel do século passado têm sugado a economia de todos os modos, até quase o deixarem exaurido. Toda a gente vê na camada superficial da pele deste país, as mazelas e as chagas sociais que são a fome e a miséria que alastra no todo nacional sem que os doutores da economia, da medicina ou da engenharia genética, procurem e encontrem soluções para fazer regredir na nossa sociedade as mazelas e as chagas que todos vêem, mas que evitam com medo do contágio e fazem por esquecer para dormirem mais tranquilos. Felizmente ainda há neste país gente anónima e instituições que, trabalham arduamente para levarem aos portugueses mais necessitados e aos sem abrigo, ajuda e alimentos que fazem renascer a esperança de é possível curar este país enquanto houver portugueses com vontade e com paixão de ajudar o seu próximo, e com coragem para servirem o país.

Ninguém mais pode ficar indiferente às mazelas e chagas sociais que se vêem um pouco por todo o país, porque ninguém está imune ao contágio desses males, e menos ainda está a salvo das suas consequências mesmo vivendo afastado e protegido dessas realidades. A ancestral sabedoria do povo diz que “Quando o mar bate na rocha, quem se lixa é o mexilhão!” mas nos tempos actuais pode-se acrescentar que depois do mexilhão, vão as rochas, as falésias e com elas vão outras espécies marinhas, sobretudo chocos e polvos. Os exemplos desta realidade são muitos, desde o Egipto que foi varrido por uma vaga de liberdade que deitou a baixo o Mubarak, na Líbia o deserto engoliu o Kadhafi. Na Islândia o primeiro ministro foi condenado pela banca rota. Nos Estados Unidos o Bernardo Madoff e outros estão presos. Isto significa que já não são só os mexilhões que se lixam, quando a vaga bate na rocha, mas que se podem lixar todos quando a vaga se transforma em Tsunami.

De facto parece que o país continua encalhado num mar de estagnação, de que o governo não consegue por si só manobrar para sair desta situação, e não parece que outras forças políticas com representação parlamentar, organizações sindicais, patronais, profissionais e outras instituições estejam a ajudar na tarefa de sairmos do encalhe em que estamos. Nem o que está a acontecer na Grécia serve de exemplo, aos políticos portugueses, para perceberem que é preciso reduzir de moto próprio os seus

ganhos, mordomias e privilégios, antes que a Troika os obrigue a reduzirem os vencimentos, reformas e pensões em 30% ou a dispensarem do serviço do Estado 30% de funcionários por falta de verba para lhes pagar. Mas se os políticos têm muita da responsabilidade da catastrófica situação económica em que Portugal se encontra, e do que acontece na Europa, a verdade é que os grande grupos empresariais, e os banqueiros são igualmente responsáveis pela presente situação económica da Europa, ao terem deslocalizado para a Ásia, em particular para a China, investimento europeu, fábricas, tecnologia e know how. Se os políticos, e os capitalistas são responsáveis pela presente situação que se vive em Portugal e na Europa não é menos verdade que o cidadão comum é igualmente, ou ainda mais responsável que os outros personagens por esta tragédia grega que nos empobreceu e põe em risco a própria União Europeia. Quando em Portugal o cidadão comum, consumidores começaram a deixar de fazer as suas compras nas lojas da sua rua e do seu bairro trocando-as pelos hipermercados, começaram aí a descapitalizar a sua terra e a ver voar da região o seu dinheiro. Como se isso não bastasse começaram a dar preferência aos produtos importados, que por serem produzidos em países de mão de obra mais barata, eram por isso mais apetecíveis. Com essa opção milhares de portugueses, hoje muitos deles no desemprego, contribuíram para que as fábricas, lojas, empresas fossem fechando portas, aumentando o desemprego, e por isso obrigando ao aumento das importações e do endividamento do país. Apesar desta evidência ainda há portugueses que dizem, batendo no peito, eu sempre dei preferência ao que é nacional! E depois a gente olha para instituições que deveriam ser de facto nacionais, como o SLB, o SCP ou o FCP e o que é que a gente vê? portugueses a pagar bilhete, (que não devem ser baratos) para ir ver equipas formadas na sua maioria por jogadores de futebol estrangeiros. Até foi caricato que num dos jogos para a “Champions League” no Estádio da Luz, em determinado momento parece que estava só um jogador português no jogo e era da equipa inglesa. Por este andar com a importação de tantos jogadores, vai começar a haver por aí muito pé de obra no desemprego.

Como sempre, temos uma nota de optimismo para terminar o editorial, não sei quem foi o esperto que disse; “Isto antes de melhorar vai piorar” e parece-me que entendi a expressão, que é assim, a modos que como arrancar um dente, “dói enquanto se arranca, mas depois com a raiz ao sol melhora!”. Para pôr mais um pouco de optimismo no final deste editorial, deixo aqui uma nota aos nossos leitores que têm estabelecimento de comércio, restauração ou serviços para me enviarem um e-mail a dizer onde estão e o que fazem porque eu, quase tudo o que compro, gasto ou invisto, é na nossa região. Já agora aproveito para lhe recomendar caro leitor, que gaste o seu dinheirinho na região, e dê preferência o mais possível aos produtos nacionais, depois aos produtos da nossa vizinha Espanha que é o melhor parceiro do nosso país e da nossa região a par dos ingleses. Para terminar desejo-lhe a si caro leitor um bom mês de Outubro, com saúde e trabalho quanto baste.

O Editor

Enfim, o País qual nau que andava á deriva e sem rumo definido, agora já tem um rumo traçado e navega com terra á vista para tentar proteger-se de tempestades, ou ciclones financeiros imprevisíveis, que causem mais estragos a esta nau centenária. Agora o capitão general e a tripulação da nau lusitana já sabem com o que podem contar para fazer esta longa viagem, no mínimo de dois anos de sacrifícios para chegar a bom porto. Se o capitão general sabe as dificuldades da travessia, também é verdade que a tripulação sabe ao que vai e os sacrifícios que a espera, por isso se necessário for terão que pôr sola de molho para o caso de faltar comida. As dificuldades do país há muito que são conhecidas da maioria dos portugueses, por isso agora só nos resta unir esforços, cerrar os dentes e preparar-nos mental e fisicamente para suportar os sacrifícios anunciados para os próximos dois anos.

Se os nossos leitores se recordam da capa da edição de Janeiro de 2010, nela dizíamos que esta década seria crucial em múltiplos aspectos não só para o Algarve e para Portugal, mas também para a Europa e o mundo, não nos enganámos. Só não esperávamos que a crise financeira de 2008 se agravasse tanto e tão rapidamente que no final de 2011 estamos à beira da derrocada do projecto europeu e da continuidade da moeda única por falta de coragem dos dirigentes políticos da União Europeia, mas sobretudo por falta de visão dos accionistas das multinacionais e dos seus CEOs assim como dos banqueiros, accionistas e seus administradores. Desde há décadas que os senhores do capital e da economia vêm pondo em primeiro lugar os desmedidos e especulativos lucros dos seus grupos empresariais deslocando capitais, produções de empresas europeias e know how para países asiáticos e de mão de obra mais barata para aumentar os seus lucros. Esta deslocação de capitais, tecnologias e meios de produção da Europa para os países asiáticos conduziu-nos a esta triste realidade, de termos nos países da UE a mais alta taxa de desemprego de sempre, com a agravante que esta calamidade continua a aumentar e com isso aumentam as dificuldades das pessoas, nomeadamente da classe média que, por falta de empregos e programas assistenciais públicos se vê ameaçada de perder o que ainda tem e vir por isso, a engrossar o número de pobres que, cada vez mais, recorre à ajuda de associações de caridade.

Chegados aqui ao limiar da hecatombe financeira e económica da Europa, podemos culpar os capitalistas, os bancos, as multinacionais e os políticos. Todos têm culpas, uns mais que outros, uns por ganância, outros por serem ladrões, outros ainda por serem corruptos, levaram ou deixaram os seus países e a Europa chegar a este desastre. E eu? E você? Que culpas temos no cartório da desgraça a que chegámos? Nenhuma?! Pois fique sabendo caro leitor que você eu, e outros mais, que trabalhamos para ganhar o pão nosso de cada dia, temos mais culpa que os senhores do capital, das multinacionais, ou os políticos! Temos mais culpas porque somos nós, eu e você, que vamos depositar o dinheiro nos Bancos para a banca especular à vontade, compramos e consumimos os produtos produzidos fora da Europa

por empresas europeias embora isso condene os europeus ao desemprego e á pobreza, e somos nós que damos o voto para eleger os políticos que, ao serviço dos senhores do capital e das multinacionais, governam o país e nos representam na EU. Como vê caro leitor, se você não pusesse o seu dinheiro nos Bancos que especulam em aplicações de alto risco só porque quer ganhar mais juros! Se não comprasse produtos de marcas europeias produzidos fora da Europa, para comprar mais barato e ganhar mais! Se não votasse em políticos corruptos e incompetentes, porque são do partido a que você pertence e por isso, terá algumas vantagens e benefícios! Se não andasse toda a gente á procura do mesmo que é, ganhar mais dinheiro para ter mais coisas, mais status social e mais poder, talvez nós, e o país, não tivéssemos chegado a esta triste situação em que nos encontramos. Agora só nos resta fazer contas á vida que temos e arrepiar caminho, porque o dia de amanhã ainda é mais incerto e porventura mais difícil que o dia que vivemos hoje.

Agora que o 1º ministro Grego, por incompetência, loucura ou estupidez, anuncia que quer realizar um referendo para perguntar aos gregos se querem os empréstimos da Europa e honrar os compromissos, pergunto-me de quê, e como irão viver os gregos, até á realização do referendo? E se a resposta ao referendo for não! Ou sim á saída do Euro? Como será que fica a Europa? Que futuro para o euro como moeda e símbolo da coesão económica da Europa? As interrogações são muitas, e as soluções para esta crise são poucas. Deus queira que haja inteligência e bom senso dos políticos para encontrar soluções para a presente crise, sob pena do alastramento de convulsões sociais, que poderão redundar em tumultos populares incontrolláveis e originar situações de violência que só se trava com mais violência. Esperemos que o bom senso dos líderes políticos da UE prevaleça, na procura de soluções, acordos e compromissos, que unam mais a Europa e dê mais coesão e força ao velho continente, e a cada um dos países que fazem parte da EU.

Para terminar o editorial desta edição, que não foi feita em papel porque muitas empresas já não têm dinheiro para investir em publicidade e imagem, as câmaras municipais também não têm dinheiro para divulgar e promover o que se faz nos seus municípios e apoiar assim, publicações como a nossa que desde 2006, todos os meses, tem sido impressa no Algarve e distribuída gratuitamente um pouco por toda a região, chegando também a Ayamonte e Lepe no outro lado do Guadiana, só nos resta acrescentar com o habitual optimismo, que a gente aqui no Algarve, no Alentejo e em Portugal vamos saber dar a volta por cima, nós com o gás que vamos explorar no mar, os alentejanos que estão a começar a explorar na Boa Fé as minas de ouro, e os portugueses a explorar o petróleo lá na Batalha. Com sorte os portugueses vão ficar todos ricos com tantas descobertas. Vamos a ver é se as autoridades prendem os ladrões de colarinhos brancos e os corruptos antes que eles levem pelos buracos que os bancos têm o que os portugueses conseguirem amealhar com muitos sacrifícios e muito trabalho nos próximos dois anos.

Estamos a chegar ao fim de mais um ano que passa, deixando as suas marcas no corpo e no espírito. Este foi de facto um ano muito atribulado para Portugal e para os portugueses, claro, também foi particularmente difícil para os algarvios. O filósofo Sócrates saiu de cena e desapareceu levando consigo a ilusão de que vivíamos no país de Alice, para dar lugar ao Pedro que com passos de coelho quer tirar Portugal da deprimente pobreza e endividamento externo, em dois anos, para devolver aos portugueses a sua auto estima e confiança para que possamos ter um país melhor e com melhor gente. Não está sozinho nesta tarefa o Pedro, felizmente conta com a ajuda do Gaspar um dos Reis Magos, que veio para tomar conta das Finanças. Conta com o Álvaro dos santos para cuidar da economia doméstica e, conta também com o rei magro, que tem mota, para levar algum consolo e tentar minimizar o sofrimento dos que mais precisam. Oxalá o Pedro com Passos de Coelho consiga atingir as metas a que se propôs nesta corrida contra o tempo, e que em nenhum momento abrande ou facilite para tirar uma soneca como o outro da fábula do coelho e da tartaruga.

Nesta corrida contra o tempo estamos agora todos metidos, pena é que, ainda há alguns portugueses que julgam que a sua vida e os direitos adquiridos lhes vão garantir um futuro menos difícil. Desengane-se quem pensa que o amanhã vai ser mais ou menos como foi o ontem. Já ninguém pode contar com postos de trabalho garantidos, nem no Estado nem no sector privado. Já ninguém pode contar como garantido a assistência dada pelo SNS. Já ninguém pode garantir aos utentes a continuidade de serviços públicos essenciais, nem tão pouco alguém pode garantir que a Segurança Social vai conseguir pagar as reformas de quem hoje faz descontos para usufruir desse direito na velhice. Na verdade a maioria dos portugueses já percebeu que os tempos das vacas, que pareciam gordas, foi uma ilusão e que agora a realidade nua e crua obriga toda a gente a mudar de vida. A austeridade a que o país está obrigado por força das imposições de quem nos empresta dinheiro, veio pôr a nu, não o Rei, mas todo um povo que durante décadas pensou que era rico, ou remediado e viveu acima das suas possibilidades. Como não adianta "chorar sobre o leite derramado" há que fazer das tripas coração e jogar mãos ao trabalho com redobrada vontade para, trabalhando o dobro, desperdiçando menos e poupando mais, possamos cada um de nós reequilibrar as nossas receitas e despesas e, com isso, possamos também ajudar o país a recuperar as finanças públicas e assim possamos sair desta crise económica e financeira que nos pode arrastar a todos para a degradação social e o caos. Estamos de facto numa corrida contra o tempo, com o objectivo de ganhar tempo ao tempo, fazendo em menos tempo aquilo que é preciso ser feito para antecipar a necessária recuperação económica que o país precisa para manter a coesão social, e proporcionar bem estar aos seus cidadãos. Nesta corrida contra ao tempo para ganhar num futuro mais próximo melhores condições de vida, precisamos todos de vestir a camisola da mesma cor e correr todos na mesma direcção para se atingir a meta que almejamos para nós, para os nossos parceiros, familiares, amigos e portugueses em geral. Vamos pois, com o nosso esforço individual, participar nesta maratona colectiva que não se mede

em quilómetros mas sim em meses e anos, para que a nossa equipa/país vença a difícil prova contra relógio que temos pela frente até 2014. Para participar nesta maratona contra as causas da crise, você só vai ter que trabalhar mais para produzir mais. Vai ter que ser mais selectivo naquilo que compra para consumir, quer sejam alimentos, roupas, equipamentos, objectos de uso pessoal ou serviços, deve dar preferência em primeiro lugar ao que é regional e nacional, e se o que precisa não é produzido em Portugal, então sim pode optar por produtos de países que são os melhores parceiros comerciais de Portugal, como a Espanha, a Inglaterra, a Alemanha. Faça por cumprir o melhor possível esta regra "uma mesinha caseira" para os nossos problemas económicos: "Eu só gasto o meu dinheiro onde o ganho, ou com quem me ajuda a ganhá-lo!" Se assim fizer, vai ver que o dinheiro que gasta em produtos da sua terra, da sua região, do seu país, ou de países amigos, parte desse dinheiro, volta de novo à sua mão. Esta é uma mesinha do antigamente quando as pessoas não tinham Internet e eram mais dependentes umas das outras em termos de produção de bens e serviços.

Bem! Voltando ao optimismo que caracteriza o final dos nossos editoriais, porque eu também sou daqueles que vêem o copo meio cheio mesmo quando ele está menos de metade, acredite que 2012 pode ser um ano excepcionalmente bom para si em termos de trabalho e de ganhos. E acredite numa coisa, 2012 será tanto melhor para si, quanto mais tempo e esforço você dedicar aos objectivos que pretende atingir. E como "a sorte protege quem arrisca!" durante o ano de 2012 vá jogando no euromilhões nem que seja só com uma aposta, quem sabe se a Divina Sorte não o contempla a si, que provavelmente até merece! Quando isso acontecer lembre-se também de nós. Desejo-lhe a si caro leitor, aos nossos patrocinadores e amigos um Santo Natal e um Bom 2012.

O Editor



Boas festas, com muito ânimo e muita alegria e que se torne realidade os sonhos que você deseja alcançar!